



UFSM

Artigo Monográfico de Especialização

**A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS E O PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO SURDO NUMA
PERSPECTIVA BILÍNGÜE**

Sandra Rosa Marques

Capão da Canoa, RS, Brasil

2010

**A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS E O PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO SURDO NUMA
PERSPECTIVA BILÍNGÜE**

por

Sandra Rosa Marques

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial.**

Orientador: Prof. Ms. Camila Righi Medeiros Camillo

**Capão da Canoa, RS, Brasil
2010**

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de
Especialização

**A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO
DO ALUNO SURDO NUMA PERSPECTIVA BILÍNGÜE**

elaborado por
Sandra Rosa Marques

como requisito parcial para obtenção do grau de

Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos

COMISSÃO EXAMINADORA:

Camila Righi Medeiros Camillo, Ms. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Melânia de Melo Casarin, Prof. Dda. (UFSM)

Patrícia Paula Schelp, Prof. Ms. (UFSM)

Capão da Canoa, RS, Brasil
2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, em especial as minhas filhas e ao meu marido que souberam compreender e me apoiar durante os momentos em que estive tão envolvida com as tarefas do curso.

Agradeço de forma muito carinhosa a ajuda prestimosa de minha orientadora, Camila, pela paciência e compreensão com que sempre me acolheu.

“... a educação deveria mostrar e ilustrar o Destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. Conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os humanos e da muita rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento como cidadãos da Terra...” (Edgar Morin, 2002, p. 61).

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO SURDO NUMA PERSPECTIVA BILÍNGÜE

AUTOR: Sandra Rosa Marques
ORIENTADOR: Prof^a Ms. Camila Righi Medeiros Camillo
Capão da Canoa, 22 de outubro de 2010.

Este trabalho apresenta uma discussão teórica frente a estudos realizados sobre o tema da aquisição da língua de sinais e o processo de alfabetização de alunos surdos a partir de um espaço educacional bilíngüe. Nesse sentido, procurei buscar referenciais teóricos consistentes que irão ampliar conhecimentos já sabidos e conseqüentemente assimilar novos, que irão contribuir na minha prática pedagógica. Com os estudos focados nas questões sobre língua, processo de alfabetização e educação bilíngüe, o presente trabalho encontra-se inserido na Linha de Pesquisa em Educação de surdos e Estudos Culturais em Educação. O tema a respeito da educação de surdos envolve também assuntos como cultura e identidade que são fatores fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional do aluno surdo. Não menos importante é o conhecimento que todas as pessoas envolvidas no cotidiano escolar desses alunos devem ter sobre as diferenças lingüísticas entre as duas línguas envolvidas no processo educacional da criança surda, que são a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita.

Palavras-chave: Língua de Sinais; Língua Portuguesa; Bilingüismo.

SUMÁRIO

RESUMO.....	5
INTRODUÇÃO.....	7
1 INSCRIÇÃO METODOLÓGICA.....	9
2 A ESCOLA COMO UM ESPAÇO PRODUTIVO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: para pensar a alfabetização.....	11
3 A LÍNGUA DE SINAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BILÍNGÜE PARA SURDOS.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

INTRODUÇÃO

A educação de surdos está presente na minha vida aproximadamente há duas décadas. Sou formada no Curso de Licenciatura em Pedagogia com habilitação em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA e, egressa do Curso de Aperfeiçoamento de Professores em Educação Especial – Área de Deficiência Auditiva, através da Faculdade de Ciências e Letras de Osório, onde na época a formação de professores para atuar com educandos surdos dava ênfase à filosofia da Comunicação Total¹. Nesse período não havia tantas pesquisas, ou pelo menos tantas discussões e publicações quanto à aquisição da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), como encontramos hoje, já que no Brasil o enfoque dado a ela com mais veemência só começou em meados dos anos 90.

Durante minha prática como professora de surdos encontrei várias adversidades como o próprio indivíduo surdo não ter acesso a sua língua natural, a não aceitação das famílias pelo uso da língua de sinais, entre outras barreiras. Todos esses motivos levaram-me a buscar mais informações teóricas para que pudesse contribuir com minha prática e assim atender da melhor forma possível as especificidades de meus alunos, sua família e a comunidade escolar. Através destes estudos encontrei um riquíssimo material e, neles a emergência de outra abordagem educacional chamada Bilingüismo, a qual busquei entender melhor a fim de trazê-la para meu cotidiano escolar como educadora que trabalha com alunos surdos.

Trabalho com as séries iniciais, em uma escola de ensino regular, de cunho inclusivo, situada num bairro de periferia no Município de Capão da Canoa/RS. Através de minha atuação, de modo especial, me instiga o ensino da língua de

¹ Comunicação Total é uma filosofia educacional em que é utilizada um ou mais meios que possam facilitar à comunicação da pessoa surda, como por exemplo, o uso de sinais, a leitura orofacial e também a fala sinalizada, a escrita, entre outros recursos (palavras minhas).

sinais no processo de alfabetização de alunos surdos a partir de um espaço bilíngüe de educação. Nesse sentido, alicerçada por essas motivações para pensar a educação de surdos no cenário atual, intento desenvolver o presente trabalho fundamentado em um embasamento teórico consistente que irá ampliar meus conhecimentos acerca do assunto e, com certeza, irá contribuir na minha prática pedagógica, na qual acredito que sempre temos muito ainda a aprender e fazer.

A pesquisa a ser realizada é de cunho qualitativo, pois pretendo compreender e aprofundar meus conhecimentos sobre a aquisição da língua portuguesa na modalidade escrita, em um contexto bilíngüe, pelo educando surdo.

Para tanto, a produção desse artigo monográfico encontra-se inserida na Linha de Pesquisa em Educação de Surdos e Estudos Culturais, onde serão articuladas as discussões de língua, processos de alfabetização e educação bilíngüe com as idéias do campo dos Estudos Culturais em Educação.

A partir dessas inferências, apresento uma breve síntese de como se estruturará tal trabalho. No primeiro momento, na “Inscrição metodológica” dá-se a escolha da metodologia adotada para dissertar esse artigo monográfico, numa inscrição no campo dos Estudos Culturais em Educação.

A seguir, “A escola como um espaço produtivo na educação de surdos: para pensar a alfabetização”, busca tensionar a escola como um espaço produtivo e as questões do currículo no processo de alfabetização de alunos surdos.

Na seqüência, “A língua de sinais no contexto da educação bilíngüe para surdos” propõe a discussão da língua de sinais e a proposta bilíngüe de educação como aspectos articulados no processo de alfabetização do aluno surdo.

Para encerrar momentaneamente a discussão da temática, aponto algumas idéias em “Considerações Finais” do trabalho, intentando manter viva a palavra, com o objetivo de sempre tensionar a escola e a educação de surdos a partir das singularidades surdas e do projeto atual de inclusão.

1 INSCRIÇÃO METODOLÓGICA

O presente trabalho inscrito na Linha de Pesquisa em Educação de Surdos e Estudos Culturais, de abordagem bibliográfica e do tipo qualitativa, pretende discutir “a aquisição da língua de sinais e o processo de alfabetização do aluno surdo numa perspectiva bilíngüe”, considerando a pertinência do assunto e as motivações já citadas anteriormente no que se refere à prática pedagógica que desenvolvo com alunos surdos.

Para tanto busco alicerce teórico-metodológico no campo dos Estudos Culturais para tensionar a língua de sinais e o processo de alfabetização num contexto bilíngüe de educação para surdos. Sabendo-se que os Estudos Culturais surgiram através de movimentos de alguns grupos sociais que lutavam por uma cultura relacionada a oportunidades democráticas. Sendo assim, são estudos sobre a diversidade dentro de cada cultura e, também sobre as diferentes culturas e sua complexidade.

Sobre o tema Silva (2004, p. 134) descreve:

O que distingue os Estudos Culturais de disciplinas acadêmicas tradicionais é seu envolvimento explicitamente político. As análises feitas nos Estudos Culturais não pretendem nunca ser neutras ou imparciais. Na crítica que fazem das relações de poder numa situação cultural ou social determinada, os Estudos Culturais tomam claramente o partido dos grupos sociais em desvantagem nessas relações. Os Estudos Culturais pretendem que suas análises funcionem como uma intervenção na vida política e social.

Nesse sentido, considerando a educação bilíngüe e suas interfaces como um espaço também político, de relações culturais e jogos de poder, este trabalho intenta discutir à temática em questão através de uma pesquisa bibliográfica que dê suporte para os possíveis tensionamentos. Assim, a partir das buscas teóricas e através da bagagem cotidiana que trago da experiência pedagógica com alunos surdos

pretendo compreender a aquisição da língua de sinais numa perspectiva bilíngüe bem como os processos de ensino e aprendizagem acerca de educação dos sujeitos surdos, elegendo discussões importantes como o currículo escolar e as práticas pedagógicas.

2 A ESCOLA COMO UM ESPAÇO PRODUTIVO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: para pensar a alfabetização

Nos últimos tempos a acelerada evolução científica e tecnológica exige que a escola assuma diferentes posturas que, na grande maioria, tem dificuldade de mudar velhos e arcaicos paradigmas. Principalmente pensando na educação inclusiva que hoje se apresenta, as ações escolares devem ser ressignificadas frente aos alunos com necessidades educacionais especiais, bem como suas formas de conceber o conhecimento e os sujeitos que nela se encontram. Conforme Camillo (2008, p. 40):

Essa escola, considerada como instituição por onde transitam conhecimentos, se articulam ensino e aprendizagem, instrução moral e religiosa, entre outros objetivos, também separa seus sujeitos para melhor domesticá-los, dominá-los a fim de governar suas atitudes, suas vontades, seus corpos, suas almas.

A educação inclusiva exige que a escola repense sobre a função que nos dias de hoje necessita desempenhar, em que cidadão está preparando para viver na sociedade contemporânea, bem como precisa rever seu currículo que às vezes pode ser um instrumento que manipula os desejos de seus educandos.

O currículo sofre duas fortes tendências: a primeira preocupa-se com os conteúdos e, a segunda com as experiências vividas pelos educandos. Essas duas tendências complementam-se e dão um fundamental significado ao currículo.

Com a influência de uma perspectiva mais crítica o currículo passa a ser visto de forma mais complexa, não tratando apenas dos conhecimentos próprios da escola, mas lidando com diferentes questões envolvendo a sociologia, a política, a cultura e a epistemologia. O currículo é mais que uma questão de construção de conhecimento, é uma construção de nós mesmos como sujeitos participantes de uma sociedade.

A esse respeito Silva (2004, p.150) afirma que,

... o currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.

Na educação de surdos o currículo, numa perspectiva mais crítica, deve proporcionar espaços em que os alunos surdos possam participar e discutir questões que envolvem o processo educacional e as estratégias de ensino no que se refere à língua de sinais e aos aspectos culturais e históricos da surdez.

Para Lunardi (1998), a elaboração de um currículo multicultural na educação de surdos precisa ser construída a partir da idéia de diferença, não a partir de um déficit, de uma perda. Para isso, pensar especialmente na alfabetização desses alunos requer um olhar mais crítico para o currículo, para a avaliação e os processos de aprendizagem da língua de sinais, já que é no período de alfabetização que encontramos as primeiras bases para a introdução da língua.

É necessário, portanto nos dias de hoje fazermos uma reflexão sobre questões que envolvem a educação de surdos como a educação bilíngüe, onde se potencializa a língua de sinais e o português, na modalidade escrita, tem um espaço importante e crucial, salvo as devidas considerações quanto às diferenças lingüísticas e culturais das comunidades surdas.

Da mesma forma, algumas questões devem ser consideradas no currículo para surdos, desde o processo de alfabetização, como por exemplo, as discussões acerca da cultura, língua, linguagem; história das línguas de sinais; estudo dos conceitos de multiculturalismo, diferença, diversidade; problematização do conceito de deficiência e estudos acerca da história dos surdos.

A educação de surdos nas últimas décadas passou por vários e diferentes momentos quanto à concepção de surdez e as abordagens educacionais direcionadas aos sujeitos surdos, desde o Oralismo, a Comunicação Total até a proposta bilíngüe de educação ou Bilinguismo, que hoje se aproxima mais das especificidades surdas.

A educação bilíngüe trabalha com as potencialidades dos sujeitos surdos, partindo da capacidade dos mesmos e, principalmente garantindo a língua de sinais

como meio de desenvolvimento dos educandos, por ser ela a sua língua natural. Conforme Fernandes (1993, p.1):

Bilingüismo não é método de educação. Define-se pelo fato de um indivíduo ser usuário de duas línguas. Educação com bilingüismo, não é, portanto, em essência, uma nova proposta educacional em si mesma, mas uma proposta de educação onde o bilingüismo atua como uma possibilidade de integração do indivíduo ao meio sócio-cultural a que naturalmente pertence, ou seja, às comunidades de surdos e de ouvintes. Educar com bilingüismo é “cuidar” para que, através do acesso das duas línguas, se torne possível garantir que os processos naturais de desenvolvimento do indivíduo, nos quais a língua se mostre instrumento indispensável, sejam preservados. [...] Educação com bilingüismo não é, pois, uma nova forma de educação. É um modo de garantir uma melhor possibilidade de acesso à educação.

Nesse sentido, pode-se observar que através da proposta educacional bilíngüe o educando surdo tem mais condições de ter acesso a sua língua natural como primeira língua e, a segunda língua, o português escrito, sendo consideradas todas as especificidades de ambas as línguas e seus processos de aquisição e aprendizagem pelo aluno surdo. Da mesma forma, a educação bilíngüe possibilita a interação com o meio sociocultural em que vive, ou seja, com seus pares, sendo assim reconhecido como sujeito possuidor de cultura e identidade própria.

Nesse contexto de educação bilíngüe é preciso se voltar ao processo de alfabetização do aluno surdo, sendo este um processo essencialmente natural que tem como base a evolução da linguagem, a qual dará sustentação para um desenvolvimento cognitivo e também lingüístico.

A criança surda chega à escola com habilidades distintas às do ouvinte que já possui fluência em sua língua natural, ou seja, a Língua Portuguesa. O aluno surdo, na sua grande maioria, chega à escola com pouco ou sem nenhuma base lingüística adequada, pois desconhece a cultura surda e/ou a história dos surdos e, até mesmo a comunidade surda a que pertence ou deveria pertencer. Da mesma forma, a maioria dos familiares ouvintes demonstra resistência ou desinformação quanto à língua de sinais, a comunidade e a cultura surda. Nesse caso, é extremamente importante que esse educando tenha contato com a LS para que consiga evoluir cognitivamente bem como adquirir sustentação para a aprendizagem de uma segunda língua, no caso o português escrito.

A criança surda precisa, em primeiro lugar, dominar sua língua natural e, esse processo acontecerá, ou pelo menos deverá acontecer, através do contato com seus pares o mais cedo possível, possibilitando a interação surdo-surdo através da

contação de histórias, piadas, situações do cotidiano experienciadas e aprendidas na comunidade surda.

No entanto, o primeiro contato com a língua de sinais muitas vezes só acontece quando o educando surdo atinge a idade escolar, portanto, é ao ingressar na escola que ocorre o contato com a língua e a cultura surda. Se essa escola adota a proposta bilíngüe, a criança surda será alfabetizada em sua língua natural (LS) ao mesmo tempo em que aprenderá a língua portuguesa, salvo que sejam resguardadas todas as condições particulares de sua aprendizagem.

Para diminuir os impactos deste contexto, sugere-se investir na leitura da própria língua de sinais. Ler os sinais vai dar subsídios lingüísticos e cognitivos para ler a palavra escrita em português. As oportunidades que as crianças têm de expressar suas idéias, pensamentos e hipóteses sobre suas experiências como o mundo são fundamentais para o processo de aquisição da leitura e escrita da língua portuguesa. Pensando no contexto das crianças surdas, os professores devem ser especialistas na língua de sinais, além, é claro, de terem habilidades de explorar a capacidade das crianças em relatar suas experiências. Este é um dos meios mais efetivos para o desenvolvimento da consciência sobre a língua (QUADROS E SCHMIEDT, 2006, p. 30).

Para o educando que está aprendendo numa segunda língua, é importante que tenha conhecimento acerca dos conteúdos a serem trabalhados e, que estes estejam adequados à sua faixa etária. Portanto é necessário que o aluno seja instigado, principalmente através de recursos visuais e histórias seqüenciadas, recursos esses que irão estimular a compreensão e, futuramente a escrita de um texto.

Ao iniciar o trabalho de produção escrita com criança surda é importante que a mesma tenha oportunidade de expor seu pensamento, sendo assim, não devemos ter uma preocupação exagerada no que se refere à estrutura da frase na língua portuguesa. Toda produção escrita do aluno precisa ser valorizada, até mesmo as mais simples, assim o mesmo sentir-se-á motivado a produzir cada vez mais na língua portuguesa e, perceberá que seus pensamentos poderão ser registrados também na segunda língua.

A escrita na língua portuguesa para o educando surdo acontecerá através de uma estrutura diferente a do aluno ouvinte, isso ocorre em função da estrutura lingüística da língua de sinais ser distinta da língua oral-auditiva e, essa diferença entre ambas as línguas também deve ser esclarecida ao aluno surdo, e a sua

família, para que compreendam o processo de aprendizagem e produção escrita na segunda língua.

De acordo com Capovilla & Sutton (2001 apud Capovilla e Capovilla, 2008, p. 1505):

Esperar que a criança surda consiga ler e escrever no código alfabético com a mesma naturalidade que a ouvinte é tão absurdo quanto esperar que um ouvinte consiga escrever os sons da fala fazendo uso de notas musicais. Cada tipo de fenômeno a ser registrado requer um sistema de representação escrita apropriado: notas musicais para música, alfabeto para a língua falada e Sign Writing para Língua de Sinais.

Assim, a escola inclusiva precisa compreender os mecanismos e as estratégias do ensino da língua de sinais como primeira língua para os alunos surdos e, que o português como segunda língua só terá sentido para ele, dentro de uma proposta bilíngüe de educação, se for na modalidade escrita, sem ênfase na prática oral.

A escola que adota a proposta bilíngüe num espaço alfabetizador necessita conhecer as questões que envolvem a surdez como, por exemplo, a construção das identidades surdas, as particularidades da cultura surda, a experiência visual como artefato para aprendizagem, entre outros fatores importantes à educação de surdos.

... Os alunos que estão se alfabetizando em uma segunda língua precisam ter condições de “compreender” o texto. Isso significa que o professor vai precisar dar instrumentos para seu aluno chegar à compreensão. Provocar nos alunos o interesse pelo tema da leitura por meio de uma discussão prévia do assunto, ou de um estímulo visual sobre o mesmo, ou por meio de uma brincadeira ou atividade que os conduza ao tema pode facilitar a compreensão do texto. (QUADROS E SCHMIEDT, 2006, p. 40-41)

É fundamental entender que existe uma diferença sociolingüística que possibilita ao surdo interagir e aprender a partir das experiências visuais, e assim compreender o mundo que o cerca através da língua de sinais, a qual dará suporte para suas aprendizagens, conhecimentos, trocas, enfim para seu desenvolvimento cognitivo, social e cultural.

Portanto a escola é um espaço produtivo, onde tanto cultura surda e cultura ouvinte convivem, onde ouvintes e surdos compartilham espaços de aprendizagem, onde as relações de poder e saber estão em jogo definindo quem aprende, como aprende e de que forma aprende. Nesse trabalho a alfabetização é o espaço da

escola que tensionamos, esse lugar onde o sujeito surdo se constitui, mas também é o lugar do alfabetizar-se, do adquirir a língua e aprender outra. É o espaço de jogos de aprendizagem, de negociações entre surdos e ouvintes, professores e alunos, língua de sinais e língua portuguesa. O processo de alfabetização do aluno surdo também é um jogo, onde se joga com duas línguas: um jogo bilíngüe.

3 A LÍNGUA DE SINAIS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BILÍNGÜE PARA SURDOS

A língua manifesta a qualidade particular do ser humano, através da qual se apresenta a linguagem. A linguagem possibilita ao ser humano expressar seus pensamentos, tradições, valores, sentimentos e padrões sociais através da mediação de um determinado grupo social, constituindo-se assim como sujeito que possui uma história e uma cultura.

Segundo Lunardi-Lazzarin (2008, p. 159):

Da mesma forma, tornou-se possível afirmar que não existe cultura sem língua, e quando a cultura se manifesta por outras linguagens, parece que a língua oferece um modelo para outras linguagens, como a pictórica, a musical, a teatral, no qual a língua seria um modelo de estruturalidade para as linguagens da cultura de maneira geral.

Ao fazermos uma análise sobre a concepção de cultura a partir dos Estudos Culturais, podemos observar que Silva (2004, p. 134) afirma que “a cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser.”

Os surdos assim como outros grupos culturalmente diferentes possuem uma cultura, uma vez que tem uma forma própria de apreender o mundo, ou seja, percebem o mundo através, principalmente, de uma língua espaço-visual que aqui no Brasil é conhecida como Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). O sujeito surdo ao perceber o mundo através do canal visual, torna-se apenas diferente, nem melhor nem pior que o ouvinte. Sendo assim o surdo possui uma cultura própria que vai além da língua de sinais, possui hábitos, valores e modos de socialização próprios.

Ao falar sobre cultura surda Perlin (2004 apud Casarin, 2009, p. 12) destaca:

A cultura surda é então a diferença que contém a prática social dos surdos e que comunica um significado. (...) o jeito de usar sinais, o jeito de ensinar e de transmitir cultura, a nostalgia por algo que é dos surdos, o carinho para com os achados surdos do passado, o jeito de discutir a política, a pedagogia, etc.

Como já foi citado anteriormente, os surdos brasileiros usam a Língua Brasileira de Sinais, uma língua espaço-visual que apresenta toda a complexidade e expressividade, se comparada com qualquer outra língua humana. O Decreto Nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 reconhece que a pessoa surda compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da LIBRAS.

Como toda língua, as línguas de sinais ampliam seu vocabulário através das comunidades surdas que necessitam de novos sinais para representar mudanças culturais e tecnológicas. Otto F. Kruse (1853 apud Capovilla, 2008, p. 1479) destaca:

A Língua de Sinais é o verdadeiro equipamento da vida mental do Surdo; ele pensa e se comunica apenas por este meio, e ele recebe por este mesmo meio os conceitos e as idéias (...). Ela (...) precede qualquer outra linguagem e, abrindo caminho para o pensamento, permite ao Surdo apreender a palavra e a própria idéia de linguagem. A Língua de Sinais um meio indispensável de comunicação entre professor e o aluno, e é de enorme valia em sala de aula para a explicação de conceitos e palavras. Ela não apenas abre caminho para o ensino inicial, como também oferece um apoio contínuo para o processo de orientação e explicação.

As diferenças existentes entre a Língua Brasileira de Sinais e outras línguas não estão somente por possuírem canais diferentes, também apresentam estruturas gramaticais distintas, próprias de cada língua. Na LIBRAS os sinais são formados a partir da combinação dos cinco seguintes parâmetros: configuração de mãos, movimento, orientação/direcionalidade, ponto de articulação e expressão facial e/ou corporal.

A língua de sinais é uma língua espaço-visual e existem muitas formas criativas de explorá-la. Configurações de mão, movimentos, expressões faciais gramaticais, localizações, movimentos do corpo, espaço de sinalização, classificadores são alguns dos recursos discursivos que tal língua oferece para serem explorados durante o desenvolvimento da criança surda e que devem ser explorados para um processo de alfabetização com êxito (QUADROS E SCHMIEDT, 2006, p. 26).

A língua de sinais embora sendo uma língua oficial em nosso país, não pode substituir o português, pois a pessoa surda aqui no Brasil antes de qualquer situação

é um cidadão que tem um registro de nascimento, por exemplo, reconhecido oficialmente através da língua portuguesa que é a língua firmada pela Constituição Federal como a oficial de nosso país. É através da língua portuguesa, que diferentes relações se estabelecem, como por exemplo, as jurídicas e institucionais.

Para que o cidadão surdo brasileiro tenha seu direito respeitado é importante que aprenda e utilize a língua portuguesa. Através do Decreto Nº 5.626/2005 em seu capítulo VI, está firmado a garantia do direito a educação das pessoas surdas a uma educação bilíngüe, educação essa que se inicia na educação infantil, estende-se para o ensino fundamental, médio, educação profissional e no ensino superior. Esse mesmo Decreto denomina escola ou classe de educação bilíngüe aquelas em que a LIBRAS e a modalidade escrita da língua portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educacional do educando surdo.

Para além da questão da língua, portanto, o bilingüismo na educação de surdos representa questões políticas, sociais e culturais. Nesse sentido, a educação de surdos, em uma perspectiva bilíngüe, deve ter um currículo organizado em uma perspectiva visual-espacial para garantir o acesso a todos os conteúdos escolares na própria língua da criança, a língua de sinais brasileira. É a proposição da inversão, assim está-se reconhecendo a diferença. A língua passa a ser, então, o instrumento que traduz todas as relações e intenções do processo que se concretiza através das interações sociais (QUADROS, 2005, p. 34).

Portanto o Bilingüismo não é um método de educação, é uma proposta educacional que possibilita a inclusão do indivíduo surdo ao meio sócio-cultural a que está inserido, ou seja, às comunidades surdas e também às de ouvintes, sem que uma sobressaia sobre a outra. A educação bilíngüe para o educando surdo dá a ele o direito de acesso à educação através de sua língua natural, a língua de sinais, e como segunda, a língua portuguesa na modalidade escrita, mas acima de tudo exige a aceitação de que o surdo possui características culturais próprias.

Nesse sentido, cabe pensar no processo de alfabetização de alunos surdos numa perspectiva bilíngüe de educação considerando que o ensino da língua de sinais deve acontecer desde mais cedo possível, com professores ouvintes que conheçam a língua, no contato com outros pares e surdos adultos para aquisição e fluência da mesma, e que o português seja introduzido simultaneamente e aos poucos, possibilitando ao surdo um contato mais tranqüilo com a segunda língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante as leituras, de diferentes referenciais, realizadas com a intenção de desenvolver este artigo monográfico, observei que a demanda ligada à educação, ou melhor, ao processo ensino-aprendizagem do educando surdo, está relacionada a questões como identidade, cultura, língua de sinais, língua portuguesa como segunda língua, numa perspectiva bilíngüe de educação.

Assim, pode-se dizer que a proposta bilíngüe proporciona ao aluno surdo sustentação para seu desenvolvimento cognitivo, lingüístico e social, através do uso prioritário e insubstituível da língua natural dessa criança, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais. Baseado no Bilingüismo, a educação de surdos destaca as capacidades e potencialidades do aluno, considerando suas especificidades no que diz respeito à língua e a cultura.

Podemos inferir também, que não só na realidade em que atuo, mas de maneira geral ainda encontramos crianças surdas que desconhecem sua língua natural e, que precisa urgentemente adquirir a língua de sinais como a primeira língua, para assim, ter subsídio lingüístico e aprender a leitura e a escrita de uma segunda língua, a língua portuguesa.

Nesse sentido, a escola e todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem do educando surdo precisam conhecer as diferenças lingüísticas e culturais que perpassam tanto a LIBRAS quanto a língua portuguesa, bem como as estratégias e mecanismos que podem auxiliar na alfabetização e no processo escolar de modo geral a fim de potencializar a língua de sinais na formação do aluno surdo.

Podemos considerar, portanto, que a escola é o lócus privilegiado, e também complexo, onde se encontram cultura surda e ouvinte, onde se dão as trocas de experiências, os espaços de aprendizagem, enfim um universo de múltiplas

interfaces que culminam no processo de ensino e aprendizagem na educação de surdos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Decreto-lei nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005.

CAMILLO, Camila Righi Medeiros. **A avaliação como dispositivo pedagógico: capturas discursivas significadas no contexto da educação de surdos**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2008. 72f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial), Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

CAPOVILLA, Fernando César. A evolução nas abordagens à educação de criança surda: do Oralismo à Comunicação Total, e desta ao Bilingüismo. In: _____: RAPHAEL, Walkíria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. Volume II, Sinais de M a Z. p.1479-1490.

_____; CAPOVILLA, Alessandra G. Compreendendo o processamento do código alfabético: como entender os erros de leitura e escrita das crianças surdas. In: _____: RAPHAEL, Walkíria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. Volume II, Sinais de M a Z. p.1497-1516.

CASARIN, Melânia de Melo. Educação de surdos: comunidade, intérprete e instrutores de língua de sinais. In: _____. et al. **Curso de Especialização à Distância em Educação Especial: déficit cognitivo e educação de surdos: módulo II**. Santa Maria: UFSM, CE, 2009. p.7-26.

FERNANDES, Eulália. **Surdez e Bilingüismo Leitura de Mundo e Mundo da Leitura**. 1993. Disponível em: <http://ines.gov.br/ines_livros/13/13_principal> Acesso em: 11 de março de 2009.

LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. Língua, cultura e identidade. In: SILUK, Cláudia Pavão et al. **Curso de Especialização à Distância em Educação Especial: déficit cognitivo e educação de surdos: Módulo I**. Santa Maria: UFSM, CE, 2008. p.155-192.

LUNARDI, Márcia Lise. Cartografando os Estudos Surdos: currículo e relação de poder. In: Skliar, Carlos (org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto alegre: Mediação, 1998. p.157-168.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de. O 'BI' do bilingüismo na educação de surdos. In: FERNANDES, Eulália (org.) **Surdez e Bilingüismo**. Porto Alegre: Mediação, 2005. p.26-36.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.